

PORTO SEGURO

DANIELLE STEEL

PORTO SEGURO

Tradução de
MARIA EDUARDA CORREIA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

Aos meus incríveis e maravilhosos filhos, Beatrix, Trevor, Todd, Sam, Victoria, Vanessa, Maxx, Zara e Nick, que me fazem sentir segura, feliz e amada e a quem adoro.

Que possam sempre ser uns para os outros um porto seguro.

E para os anjos de «Yo! Angel!»:

Randy, Bob, Jill, Cody, Paul, Tony, Younes, Jane e John.

Com todo o meu amor,

d.s.

A MÃO DE DEUS

Com um sentimento
de sobressalto,
excitação e
temor,
chega o dia em
que saímos
em busca das
almas perdidas
de Deus,
esquecidas, geladas,
desfeitas, imundas,
e às vezes,
embora raramente,
limpas e novas,
pelas ruas,
ainda de cabeça
lavada e
cabelo entrançado,
ou rostos acabados
de barbear.
Passado apenas um mês,
vemos a devastação
dos dias,
os mesmos rostos
já não são os mesmos,

as roupas não têm
arranjo,
as almas começam
a esfarrapar-se
como as camisas que
usam, os sapatos,
os olhos...
Vou à missa
e oro por eles
antes de nos vírmos
embora
como toureiros ao
entrarem
na arena,
sempre inseguros
do que
trará a noite,
se calor, se desespero,
perigo ou morte,
para eles
ou para nós.
As minhas orações são
silenciosas e sentidas.
Depois, por fim,
descolamos,
com os risos a tilintarem
à nossa volta como
sinos
enquanto olhamos
os rostos,
os corpos,
os olhos que nos
olham,
já nos conhecem,
vêm a correr,

enquanto nós saltamos
vezes
sem conta,
arrastando atrás de nós
pesados sacos
para lhes comprarmos um
dia mais,
uma noite mais,
à chuva,
uma hora mais... ao frio.
Orei por vós.
Onde estáveis?
Sabia que viríeis!
Debaixo de chuva, de
camisas coladas
ao corpo,
misturando com
a nossa
a vossa dor e a vossa
alegria.
Nós somos os
carros cheios
de esperança
numa medida para nós
imensurável,
tocam-nos com as mãos,
os seus olhos
enterram-se
profundamente nos
nossos.
Deus vos abençoe,
cantam docemente
ao afastarem-se.
Uma perna,
um braço,

um olho,
um tempo,
uma vida,
que partilham connosco por
instantes
nas ruas,
conforme nos afastamos.
Mas eles continuam
para sempre presos
às nossas
lembranças.
A rapariga com o rosto
cheio de crostas,
o rapaz só com uma
perna
sob a chuva
diluviana,
cuja mãe choraria se
o visse,
o homem que baixa
a cabeça e soluça,
fraco de mais para aceitar
o saco das nossas mãos
Depois, os outros,
os que nos assustam,
os que vêm à caça,
e observam,
tentando decidir se
vêm para matar, se para
participar,
sem saberem se
atacar,
se agradecer.
Encontram-se os olhos,
tocam-se as mãos,

vidas que se
entrelaçam
incomensuravelmente,
irrevogavelmente
com as nossas.

Por fim,
como com as outras,
a confiança é o nosso
único laço
e a sua única esperança
enquanto os
enfrentamos
uma e outra vez.

A noite consome-se,
mas os rostos são
intermináveis
e o aparente desespero
é interrompido pelo
momento brevíssimo
em que nasce a esperança
e um saco de roupas
quentes
e mercearias,
uma lanterna, um
saco-cama,
um baralho de cartas
e alguns pensos rápidos
são sinal de
dignidade devolvida
e
de uma humanidade que
não difere da nossa.

Por fim,
um rosto com olhos,
tão devastado e tão

devastador
que nos para o coração,
quebra-nos o tempo
em fragmentos
minúsculos,
até estarmos tão
quebrados
ou tão inteiros
quanto eles,
já não há diferenças
entre nós.
Somos só um
quando os olhos
procuram
os meus.
Permitir-me-á que
o considere um de nós
ou avançará
e matar-me-á
porque a esperança já está
demasiado longínqua
para que a possa
agarrar?
Porque está a fazer isto
por nós?
Porque vos amo, gostaria
de dizer,
mas raramente
encontro
palavras,
enquanto entrego o saco
juntamente com o meu
coração,
a minha esperança
e a minha fé

divididas entre
tantos,
e o rosto mais assustador
de todos mesmo
no fim,
depois de alguns de ar
contente
e de outros tão
próximos da morte
que nem conseguem já
falar,
mas o último
é sempre meu,
é o que levo para casa
comigo
aninhado no
coração.

Tem a coroa de espinhos
pousada na cabeça e
o rosto devastado.
É o mais sujo e o mais
aterrador.

Detém-se e fita-me
em posição defensiva.
Mergulha os olhos nos
meus,
às vezes cansados,
ao mesmo tempo
horrendos
e cheios de desespero.
Vejo-o chegar.
Vem direito a mim.
Apetece-me fugir,
mas não posso
e não me atrevo.

Sinto o gosto do medo.
Encontramo-nos
e ficamos
de olhos nos olhos,
saboreando o mútuo
terror,
como lágrimas que se
misturam
num rosto.
Então, recordo-me
e penso
e se fosse
a minha única
oportunidade de tocar
Deus,
de estender a mão e
ser, por minha vez,
tocada por Ele,
fugiria?
Aguardo, firme,
lembrando
que Ele vem
sob muitas formas,
com muitos rostos,
com maus cheiros
e talvez mesmo
olhos cheios de ira.
Estendo o saco,
perdi a coragem,
limito-me
a respirar,
recordando porquê
e por quem
vim cá nesta
noite escura.

Fitamo-nos, iguais
e solitários.
A morte paira entre nós.
Por fim, ele pega no saco.
Deus te abençoe, sussurra,
e afasta-se.
E de novo sei
ao voltarmos a casa
calados e vitoriosos
que mais uma vez
fomos tocados
pela mão de Deus.